

Sammy

## Brancos bigodes da aflição

13 ABR 1988

“E eu posso dizer ao povo brasileiro que o primeiro que mais sofre é o presidente, que não tem mais aqueles bigodes grandes e pretos, mais os cabelos e bigodes brancos, brancos e embranquecendo na preocupação diária de deixar o governo brasileiro com este país institucionalizado, com a democracia implantada, com a sua economia viabilizada para que o Brasil possa caminhar seguro e mais firme os passos do seu grande futuro.”

O tópico acima faz parte do discurso pronunciado pelo presidente da República, José Sarney, em São Joaquim (SC), durante a Festa da Maçã, à qual s. exa. compareceu “com muita alegria”, como disse, mas que serviu como lugar de desabafo de seus grandes sofrimentos.

A época dos bigodes pretos — talvez não tão grandes — a que se refere o presidente com certeza é a dos idos de março de 85, quando por incrível fatalidade histórica teve que assumir funções que não aguardava — a de chefe de Estado e de governo —, ocasião em que, talvez para diminuir a perplexidade da Nação, prometeu a ela “ser maior do

que ele mesmo”. Talvez fosse o caso de se imaginar o quanto de bigodes e cabelos embranquecidos precocemente — no caso dos que os possuem — sofreram os cidadãos brasileiros nestes últimos três anos, graças às idas e vindas desastradas desta Novíssima República.

O “país institucionalizado”, a “democracia implantada” e a “economia viabilizada” seriam “preocupações” ou frustrações diárias, causadoras de eventual envelhecimento precoce do presidente? Será, em outras palavras, que não é a percepção da própria incapacidade de influir positivamente para a obtenção daqueles objetivos que leva o presidente a tanto sofrer — e “envelhecer”? Reconheçamos que aquelas expressões são de valor muito relativo: o País está em parte “institucionalizado” — o que não pode ser entendido como obra do presidente ou de seu governo; a nossa “democracia implantada” é também muito relativa, se considerarmos que o governo da Novíssima República abusou dos decretos-leis afora a interferência constante dos chefes militares nos trabalhos em curso na

Constituinte, o que está longe de ser típico dos regimes realmente democráticos. Agora, quanto à nossa “economia viabilizada”... Bem, aí parece faltar, de fato, algum senso de autocritica ao presidente, capaz de levá-lo a entender que seu governo, talvez como nenhum outro que o precedeu, o que tem feito é não viabilizar seguidamente nossa economia, tanto por violentar as leis do mercado — como fez durante o famigerado plano Cruzado — quanto por não conseguir controlar seu astronômico déficit público, fulcro principal desta inflação cada vez mais imbatível. E aqui não nos referimos às atuais medidas de combate ao déficit postas em prática pelo atual ministro da Fazenda — algumas delas até bem positivas —, mas a todo esse período de grande rotatividade ministerial na área econômica, pois certo é que os bigodes brancos do presidente têm de ser medidos não por semanas ou meses, mas pelos três anos em que s. exa. exerce cargo de tanto sofrimento.

O fato de José Sarney sofrer tanto com seu trabalho atual e mesmo assim fazer tudo para estendê-

lo, no mínimo, por mais um ano é para deixar a opinião pública brasileira intrigada: tratar-se-ia, no caso, de uma espécie de masoquismo de s. exa.? Por que será que quem já sofreu tanto sofre para vir a conseguir sofrer por mais tempo? Ou será que o sr. José Sarney se dispõe a tamanho sacrifício por ter certeza de que no País inteiro, em todo este imenso território que abriga mais de 140 milhões de almas, não há ninguém, absolutamente ninguém — fora José Sarney, claro —, capaz de conduzir nossos destinos, ou de garantir o “país institucionalizado”, a “democracia implantada” e a “economia viabilizada”?

Se o presidente da República se dispusesse a ler os resultados de todas as pesquisas de opinião, feitas sobre o assunto, saberia que o povo brasileiro deseja interromper urgentemente — por meio de eleições diretas já — o processo de embranquecimento dos bigodes e cabelos presidenciais; principalmente do próprio povo, que não quer sofrer mais, por não ser masoquista, nem fazer com que o outro sofra, por não ser sádico.

ESTADO DE SÃO PAULO